



NOTA DE ABERTURA

JOÃO CARLOS ESPADA

DIRECTOR DO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA.
DIRECTOR DE NOVA CIDADANIA

TRABALHAR, POUPAR, INVESTIR SERVIR OS OUTROS, TENTANDO MELHORAR A NOSSA PRÓPRIA CONDIÇÃO

Esta edição de Nova Cidadania abre com um breve artigo sobre Kate Middleton, a “Princesa dos Empreendedores”, como lhe chama John Berlau, um investigador americano do Competitive Enterprise Institute. Pretendemos que seja uma abertura simbólica, a mais do que um título.

Simbólica, em primeiro lugar, de que as fatais dicotomias das culturas políticas dogmáticas são isso mesmo: fatais. As mundividências dogmáticas adoram esquematizar o mundo em dicotomias irreconciliáveis. Colocam o passado em oposição ao futuro, a tradição em ruptura com o progresso, a nobreza dos valores morais em oposição ao materialismo dos interesses, o social em oposição ao individual. Escolhemos um autor americano para elogiar a monarquia britânica precisamente para ilustrar como essas dicotomias podem ser desafiadas. A orgulhosa República americana pode apreciar a velha Monarquia constitucional britânica. E esta pode acolher uma plebeia, filha de empreendedores que antes trabalhavam para a British Airways, como mulher do príncipe herdeiro.

A mais fatal dicotomia que envenena a nossa cultura política nacional é, em meu entender, a que opõe o interesse comum ao interesse individual. É um equívoco colossal, com consequências colossais. Gera uma desconfiança profunda em relação ao desejo das pessoas comuns de elevarem a sua condição através do esforço, da disciplina, do

empreendimento. Concomitantemente, alimenta uma presunção benevolente em relação à despesa pública, que é sempre justificada em nome dos valores mais altruístas e do interesse do todo, contra o das partes. Mas há uma diferença colossal entre a despesa em nome do público e a despesa ao serviço do público. A utilidade social desta última pode medir-se pela satisfação de pessoas concretas, que livremente escolhem um bem ou serviço. Se não o escolherem, os produtores terão de ajustar a sua oferta às preferências do público. E, através dessa “mão invisível”, os produtores são levados a servir o interesse dos consumidores, ao mesmo tempo que procuram melhorar a sua própria condição. Esta tensão entre oferta e procura livres gera uma disciplina pessoal, que não é imposta por ninguém em particular, mas que exerce o seu efeito educativo de forma muito mais efectiva do que qualquer disciplina que resultasse de um código central emanado de algum decisor central. Ela educa-nos a todos numa disciplina ao serviço do bem comum. Ela ensina-nos que o caminho para a melhoria da condição de cada um requer virtudes sociais: trabalhar, poupar, investir, servir os outros tentando melhorar a nossa própria condição. Eis, como diria Edmund Burke, a beleza do mundo livre que só pode ser resultado da Providência Divina.

Mas, em Portugal, nós preferimos acreditar nos caprichos dos homens, em vez de na ordem e na disciplina da liberdade emanadas da Providência Divina. O resultado está á vista: a ameaça de bancarrota e a ameaça de saída do euro. É uma situação gravíssima, para a qual temos sido alertados, com a prudência imposta pelas suas funções, pelo Presidente da República. Por isso abrimos a nossa secção “Actual” com a intervenção do Presidente sobre a situação do país.

Não há margem para enganar. A situação de Portugal é gravíssima e só um grande esforço nacional pode afastar-nos do abismo. É preciso cumprir o acordo assinado com a Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o Fundo Monetário Internacional. Esta é a saída que ainda temos, embora seja muito exigente. Mas não nos enganemos. Se quisermos sair da gravíssima situação em que nos encontramos, e sair de forma sustentada, como agora se diz, só há um caminho: desfazer as dicotomias dogmáticas, sobretudo a que opõe bem comum a esforço de melhoria individual. Se a desfizermos, e quando a desfizermos, poderemos então observar e desfrutar do milagre da liberdade, deixando de ser humilhanamente descritos pela imprensa internacional como “o país mais pobre da Europa ocidental que nos últimos dez anos se arrastou na cauda do crescimento europeu”. Poderemos, nessa altura, ver emergir uma maravilhosa disciplina pessoal, voluntariamente assumida, ao serviço do bem comum. Poderemos ver as pessoas a serem voluntariamente pontuais, vestirem-se condignamente para atenderem os seus clientes, atenderem os telefones quando eles tocam em vez de os deixarem tocar, responderem aos mails e à cartas atempadamente, reclamarem polidamente os seus direitos sem abusarem deles, colocarem os seus deveres à frente dos seus direitos, pagarem lealmente os seus impostos quando eles não forem devorados pelo despesismo corporativo, respeitarem gentilmente a lei quando ela se fizer respeitar com celeridade. Essa é a disciplina da liberdade: a disciplina do trabalho, da poupança, do investimento, servindo os outros e ao mesmo tempo tentando melhorar a nossa própria condição.

